



Campos da Paz promete demitir-se caso o projeto não seja aprovado. Segundo ele, seria impossível administrar o Sarah devido à falta de pessoal especializado, razão das filas de espera

# Sarah vive dificuldades

Sem autonomia para selecionar pessoal, hospital só funciona com 50% da capacidade

**Eliane Trindade**

O Hospital Sarah Kubitschek está funcionando com 50% da sua capacidade operacional pela dificuldade de contratar mão-de-obra especializada. Esse quadro, segundo o presidente da Fundação das Pioneiras Sociais, Aloysio Campos da Paz, justifica o pedido de urgência para o projeto de lei que tramita no Congresso Nacional, que propõe maior autonomia administrativa, principalmente na gerência da área de recursos humanos.

"Se o projeto fosse aprovado já, levaríamos meses para colocar o hospital funcionando em toda a sua capacidade", disse Campos da Paz, que é membro da Comissão Técnica que dirige o hospital e cirurgião-chefe do Sarah Kubitschek. A maior carência é no quadro de enfermagem, reduzido atualmente a 80 servidores, quando necessita do dobro de profissionais especialmente treinados para o trabalho na instituição.

Campos da Paz ressalta que o Regime Jurídico Único tirou das instituições de vanguarda a capacidade de selecionar, treinar e aproveitar servidores dentro de critérios de seleção que privilegiem a competição. A estabilidade garantida ao servidor público é vista por ele, como um aspecto negativo. "Não deve haver estabilidade dentro da instituição até mesmo para que prevaleça valores éticos", disparou. Na análise de Campos da Paz, o RJU é um convite à mediocridade e pode levar o hospital à destruição e a perda na qualidade do atendimento.

## Repartição

"Os preceitos do Regime Jurídico Único podem ser bons para uma repartição pública, mas não são bons para uma instituição onde está em jogo a vida humana", defende Campos da Paz. Com a Asso-

ciação das Pioneiras Sociais, de direito privado, os funcionários passariam a ser submetidos à CLT. "Aqueles que não forem competentes não devem continuar na instituição", disse o cirurgião-chefe do Sarah Kubitschek, que condena essa distorção a que fica sujeita a instituição se o funcionalismo permanecer regido pelo RJU.

Se for aprovado o projeto, os servidores poderão optar em permanecer no serviço público ou entrar para a Associação das Pioneiras Sociais. Quem permanecer, de acordo com Campos da Paz, vai continuar no esquema adotado pela instituição que é de dedicação exclusiva e tempo integral, "fatores determinantes para o sucesso da instituição", acrescentou.

## Concurso

Com a criação da Associação das Pioneiras Sociais, a pretensão de Campos da Paz é realizar processos seletivos de pessoal nos moldes que sempre existiu na instituição antes da Constituição de 88. "Os candidatos tomam conhecimento das vagas no hospital por anúncios em jornais, se apresentam, fazem prova eliminatória, depois uma classificatória e posteriormente são submetidos a treinamento, no qual os mais competentes serão selecionados", descreve o presidente da Fundação Pioneiras Sociais.

Segundo Campos da Paz, o Sarah Kubitschek não aproveita satisfatoriamente a mão-de-obra especializada que vem preparando.

"É necessário autonomia para contratar e selecionar os melhores profissionais", afirmou. Ele argumenta que não é só fazer um concurso, mas torna-se necessário sobretudo selecionar, periodicamente, aqueles que serão responsáveis pelo nível de atendimento e qualidade do hospital.

## Procura é maior que a capacidade

Enquanto o Congresso Nacional discute o projeto de Lei que altera a forma de gestão da Fundação das Pioneiras Sociais, a rotina do Hospital Sarah Kubitschek segue seu curso normal. A fama conquistada em dez anos de funcionamento acabou por gerar um problema: a grande procura dos pacientes que vêm em busca de tratamento oriundos de todo o País. Avessos à polêmica em torno da criação de uma Associação das Pioneiras Sociais, os pacientes e pessoas que esperam por uma vaga, continuam buscando o atendimento de qualidade da instituição.

Procurando adequar a oferta à procura, sem entrar na lei de mercado no que tange à qualidade do atendimento, o hospital desenvolve 2 mil 440 atividades/dia, entre exames, consultas, fisioterapias, cirurgias e internações. A média de internação é de 18 por dia e são realizadas cerca de 17 cirurgias diariamente. O maior volume de atendimento é ambulatorial. "A média de atendimento por dia, é de 150 consultas e de 500 revisões médicas", relatou a chefe do Setor de Atendimento ao Público do Sarah Kubitschek, Nely Gomes de Magalhães.

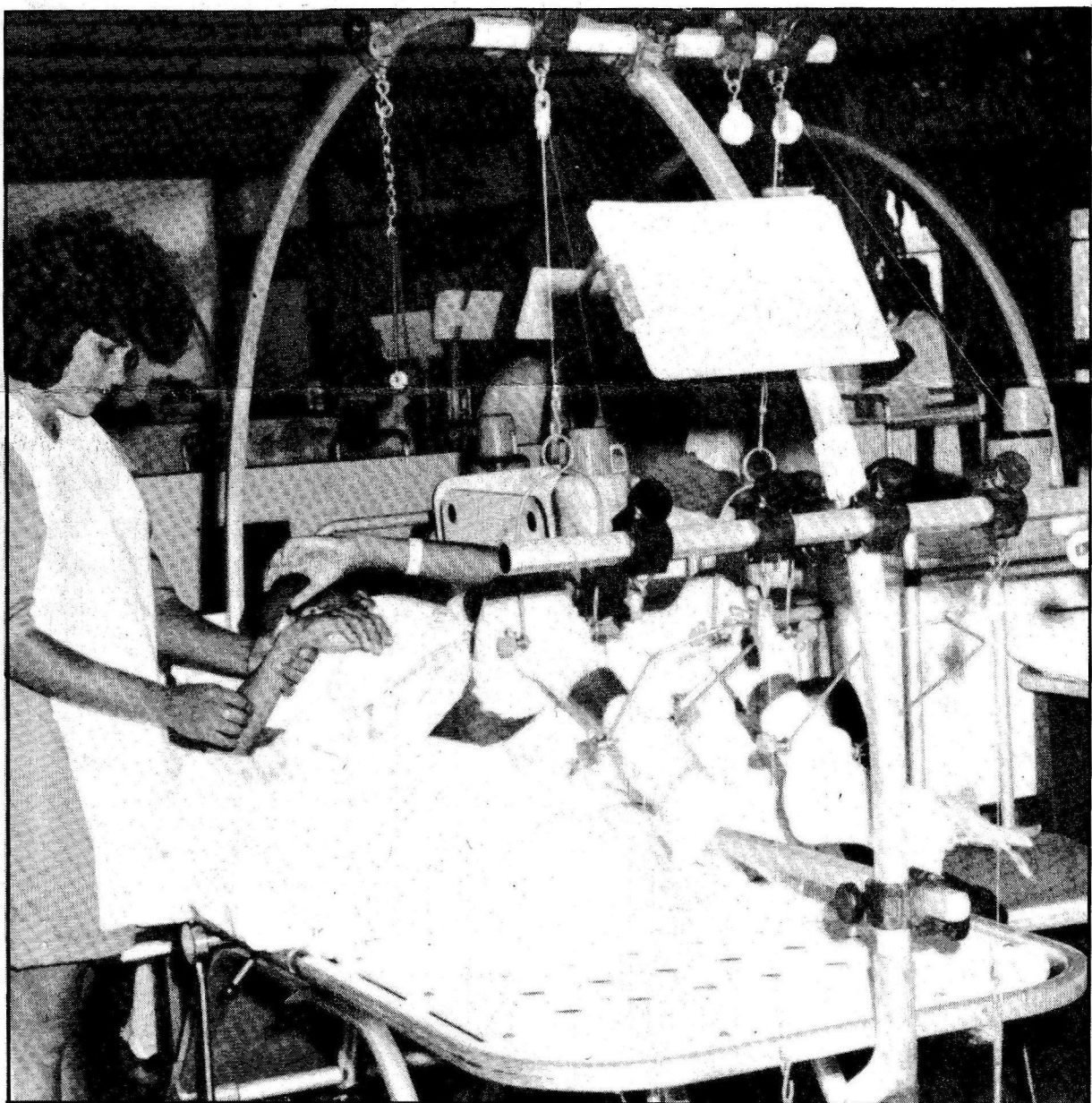
## Demora

Um adulto que deseja marcar uma primeira consulta no hospital terá que esperar até dezembro. No serviço de marcação de consultas por telefone, a atendente avisava na última quinta-feira que só existia vaga a partir do dia 1º de dezembro. No caso de crianças, o tempo de espera é menor. A mesma atendente informava que uma primeira consulta infantil poderia ser marcada para a próxima terça-feira. Nely Magalhães disse que o ambulatório está funcionando em sua capacidade máxima. "Por falta de funcionários não é possível aumentar ainda mais o número de consultas para cada médico por dia", argumentou.

O cirurgião-chefe do hospital, Aloysio Campos da Paz, admitiu que o tempo de espera é longo. Mas ele afirmou que para casos específicos o hospital conta com uma reserva para atendimento ambulatorial e de internação. "Reservamos de 10 a 15% das vagas para os casos especiais", disse o cirurgião, que é integrante da Comissão Técnica que administra o Sarah Kubitschek. Ele exemplifica que no caso de um paciente com hérnia de disco, sentindo dores, não existe demora no atendimento. Campos da Paz lembra que o hospital não tem pronto-socorro: "O Sarah é um centro de recuperação".

## Consenso

"É preferível esperar muito tempo e ser atendido no Sarah". A opinião é da dona Maria da Conceição Alves de França, 57 anos, paraplegica, que marcou consulta em junho e foi atendida na última sexta-feira. "Apesar de levar tempo para ser atendida, o Sarah é o hospital mais adequado para o meu tratamento", disse dona Maria, que mora no Piauí. Assim como ela, Valdenice Padilha, que espera internação do filho, Eduardo, 14 anos, com problemas neurológicos que afetaram sua locomoção. O garoto, encaminhado do Hospital de Base, teve uma consulta e vai fazer exames. "Quero que ele seja tratado aqui, por ser o melhor", disse a mãe. (E.T.)



Os profissionais que trabalham no Sarah são altamente especializados mas ainda insuficientes

## Campos da Paz faz pressão

O presidente da Fundação das Pioneiras Sociais, Aloysio Campos da Paz, condicionou a sua permanência à frente da instituição que dirige o Hospital Sarah Kubitschek, à aprovação do projeto de lei que extingue a fundação e cria a Associação das Pioneiras Sociais, em tramitação no Congresso Nacional. "Se o projeto não for aprovado, peço demissão", afirmou Campos da Paz. Segundo ele, a posição se justifica porque sem a mudança na estrutura jurídica proposta no projeto, "a instituição acaba".

Entretanto, se o projeto for aprovado, Campos da Paz também vai pedir demissão do serviço público para assumir a direção da Associação das Pioneiras Sociais, que é de direito privado e exige dedicação exclusiva e tempo integral dos funcionários. Campos da Paz é veemente ao dizer que se forem mantidos os entraves que vêm dificultando a administração da instituição, o resultado será o sucateamento do Sarah Kubitschek. Ele afirma que é necessário conceder maior autonomia administrativa para manter o hospital funcionando com qualidade.

Para o presidente da Fundação Pioneiras Sociais, a polêmica causada pelo projeto, que tramita na Comissão de Seguridade Social e Família, resume-se à "manipulação de informação", principalmente quanto à interpretação do que seja a associação. "O Hospital Sarah Kubitschek não vai ser privatizado, como insinuam. O que está sendo proposto é uma nova forma de administração que mantém o

atendimento gratuito e universal", afirmou.

Campos da Paz frisa que, ao preparar o projeto, uma das preocupações foi encontrar uma forma de modificar a estrutura jurídica sem comprometer o destino social da instituição. Em sua visão, o projeto simplesmente transforma o que é norma institucional em norma legal. Segundo ele, ao longo de um ano, a proposta de mudança foi debatida com juristas, políticos e pessoas ligadas à instituição, tendo chegado à forma atual que originou o projeto há seis meses.

## Conselho

Campos da Paz considera que algumas emendas que estão sendo propostas ao projeto vêm aperfeiçoá-lo. Ele cita como exemplo a que aumenta o controle do Tribunal de Contas da União sobre o contrato de administração e a que aumenta a representatividade do Conselho Administrativo, um dos pontos mais criticados do projeto. "Não sei que modificações o relator deve propor, mas gostei da proposta de inclusão de representantes dos pacientes, dos servidores e também do Conselho Federal de Medicina", destacou.

O relator da Comissão de Seguridade Social e Família, única a julgar o mérito, deputado Geraldo Alckmin (PSDB-SP) tem até o dia 8 de setembro para emitir parecer. Se não for retirado o pedido de urgência constitucional para tramitação do projeto, essa data é também limite para a votação no plenário da Câmara dos Deputados. (E.T.)

## Projeto manterá qualidade

No período de 1980 a 91, o Hospital Sarah Kubitschek desenvolveu 4,1 milhões de atividades, entre consultas, exames, tratamentos, cirurgias e internações. Passaram pelos 300 leitos do hospital — que hoje estão ocupados pela metade — 33 mil 141 pacientes. O total de pessoas atendido pela instituição em pouco mais de dez anos foi de 606 mil 725 pacientes. O número de cirurgias realizadas chegou a 29 mil 912. O custo mensal do hospital é de Cr\$ 389 milhões.

O presidente da Fundação das Pioneiras Sociais, Aloysio Campos da Paz, que dirige o hospital, apresentou esses dados de sua administração à frente da entidade. Atualmente, o quadro funcional do hospital é de 900 servidores, sendo 43 médicos e 80 enfermeiros de nível superior. "Para aumentar o número de atendimento e manter a qualidade é vital para a instituição contar com mais profissionais treinados para o perfil da instituição", afirmou Campos da Paz, principal defensor da flexibilidade da política de pessoal.

## Perfil

Campos da Paz ressalta que todo o atendimento, independente da forma de gestão do Sarah sempre foi e deve continuar sempre gratuito, provido pelo Estado, a custo zero para a população. O presidente da Fundação das Pioneiras Sociais garante que o atendimento no hospital não é elitizante. Ele apresentou dados coletados a partir do registro do paciente, que formam "o per-

fil do paciente internado no Sarah".

A categoria profissional que ocupou o maior número de leitos é a de profissionais de nível elementar e médio que exercem profissões, como pedreiro, pintor, professores primários, costureiras, que representam 42%. O segundo grupo mais numeroso é de estudantes com um percentual de ocupação de 22,1%. A pesquisa revela que 2,5% dos ex-pacientes do Sarah são proprietários e 7,6% têm formação universitária.

## Causas

O Centro de Estudos e Pesquisas da Fundação das Pioneiras Sociais fez um levantamento das causas de lesão medular entre os pacientes internados na instituição. A pesquisa mostra que a maior causa de lesão são os acidentes de trânsito, 46% dos internados. Em segundo, 27% dos casos, aparece acidente com arma de fogo. O mergulho em superfícies rasas ocasionou lesão medular em 13% dos internados. As demais causas representam 14% das internações.

A procedência do paciente ambulatorial do Sarah também foi estudada pelo centro, que constatou um índice de 74% dos atendidos do Distrito Federal, 16% do Plano Piloto e 58% das satélites. "Esses dados escamoteiam uma realidade, pois muitos são de fora e se registram com endereço de parentes", explicou Campos da Paz. Ele afirma com convicção que 50% dos pacientes do hospital são provenientes de outras regiões do País. (E.T.)

## Esperar na fila ainda compensa

Depois de 4 meses de espera, na última sexta-feira Múcio de Lima Góes, 22 anos, conseguiu ser atendido no Hospital Sarah Kubitschek. Foi uma longa espera para quem sofreu uma lesão medular que o deixou totalmente paralisado do pescoço para baixo, após um acidente automobilístico. Esperando na fila para ser consultado pela primeira vez, estendido numa maca, Múcio não escondia a expectativa de ser tratado no hospital: "É o único especializado para o meu caso, fazer o tratamento aqui me acende a esperança de recuperar os movimentos".

Vindo de Alagoas — depois de passar dois meses no hospital em Maceió tratando de outras complicações pós-acidente — Múcio está hospedado em casa de parentes, aguardando. Após ter consultado, Múcio ainda vai esperar os resultados dos exames pedidos pelo médico para saber quais são as chances de reabilitação. Ele e os familiares estavam esperançosos de conseguir a vaga no Sarah, principalmente pela dificuldade de transportar até o hospital uma pessoa em suas condições.

Múcio define toda essa espera como "tensa" e entende que o processo deve ser agilizado. "Se falta funcionários no Hospital, que seja feito concurso", sugere. Ele teme que o acesso ao atendimento de qualidade do Sarah se torne ainda mais difícil pela carência de pessoal. "O Sarah vai parar de andar", ironiza Múcio, para quem o hospital é a única chance de recuperação. (E.T.)